

OS RIOS DE HIROSHIMA

ECLÉA BOSI¹

Maiumi contou para os alunos como foi seu primeiro encontro verdadeiro com um rio:

"Eu tinha vinte anos e era professora primária em Hiroshima. Estava dando aula no dia 6 de agosto de 1945.

A cidade despertava serena para mais um dia de verão.

O céu estava lindo.

As crianças chegavam à escola, as lojas se abriam, os velhos iam caminhar nos parques.

Eram oito e quinze da manhã quando o avião norte-americano lançou a primeira bomba atômica sobre a cidade.

Após imenso clarão, a terra estremeceu. A temperatura subiu a 10 mil graus centígrados. O mar começou a ferver.

Já no primeiro segundo da explosão morreram 78 mil pessoas.

Os veículos eram montes de ferro retorcido sobre seus passageiros.

Três segundos depois, 320 mil civis eram vítimas de uma tempestade de fogo.

Quando a temperatura parou de rugir, fez-se noite gelada. E a chuva radioativa começou a cair sobre um deserto de cinzas que havia sido uma cidade.

Estava concluída a Operação Manhattan, nome dado pelos americanos ao lançamento da bomba.

Até hoje os sobreviventes sofrem os efeitos da radiação.

Naquele 6 de agosto, às oito e quinze da manhã, as crianças começaram a gritar na sua agonia.

Sabe o que nós, professores, fizemos? Corremos para os rios, com os alunos atrás, e mergulhamos. Fomos para os braços do estuário em delta do rio Ota.

Éramos jovens urbanos que víamos os rios de longe, pela janela, como se diz. Ensinando geografia, desenhávamos uma linha ondulada e azul no mapa: 'Isto é um rio'. Quando o ardor radioativo nos queimou, eles nos pareceram a última e única salvação.

Corremos para lá com as crianças."

Este depoimento de uma sobrevivente do dia mais cruel da história faz pensar sobre nosso alheamento de algo muito concreto. Você conhece o rio próximo de sua casa? De que nascente veio? Para onde vai ele? Será um pequeno córrego? Um ribeirão?

As cidades abençoadas por rios se orgulham deles: Roma se espelha no Tibre; Florença, no Arno; Paris, no Sena; Lisboa, no Tejo; Viena, no Danúbio.

São as veias da paisagem e todas cantam os rios de sua terra. Por isso, Maiumi recorda:

"Os ingleses conseguiram purificar de novo, há algumas décadas, o Tâmisia poluído pelas indústrias, por meio de um trabalho paciente em que cientistas, povo e governo investiram seus melhores recursos.

No dia em que alcançaram resultados, as águas ficaram claras e os peixes povoaram suas profundezas, e o rio ressuscitou. Os jornais do país anunciaram majestosamente: *'Poetas da Inglaterra, podeis voltar para as margens do Tâmisia'*.

Jamais esqueci essa manchete, meus olhos ainda se enchem de emoção quando a recordo."

Ao escutar o depoimento de Maiumi, perguntou Maria Edith:

"Quem ouviu falar de *piracema*?"

"Eu sei o que é. Vi o fenômeno em Piracicaba: os peixes iam desovar na cabeceira do rio e subiam contra a corrente. Na hora de transpor o salto, eles pulavam para o alto e era uma chuva de prata da terra para o céu.

A gente abria o guarda-chuva no rio e ele se enchia de peixes. Mas as indústrias foram jogando veneno na água, e os dourados, os corumbatás, os pintados se acabaram.

Hoje só no Pantanal do Mato Grosso tem peixe assim. O rio Piracicaba está morrendo. Adeus, piracema!"

Como deve doer a morte de um rio ...

Seus olhos baços já não vêem mais a cidade, o rio vai ficando cego. Não devolve mais as imagens das coisas com transparente amor.

As águas suspendem sua canção, emudecem, afinal.

O rio arrasta seus despojos, vagaroso como um féretro, pela cidade que o matou. Ele, que foi portador de vida e fecundava as margens, pode até transportar espumas letais.

E nós vamos assistir à morte de um rio sem mexer um dedo?

Porque os rios podem renascer. Voltam as águas a ser crespas e verdes, brincam e cintilam ao sol de novo.

O que o falso progresso destrói, a verdadeira ciência pode às vezes fazer reviver. Mas, para isso, quanta luta precisamos travar!

Nem sempre nossos dias podem correr tranquilos; às vezes a gente encrespa e as pessoas indefesas se unem e correm como um rio poderoso.

NOTAS

1. Doutora em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Professora Emérita da Universidade de São Paulo.

TESTEMUNHO DE TAKASHI MORITA

Às 8h15min do dia 6 de agosto de 1945, sobre o céu de Hiroshima veio um grande clarão que acabou com a vida de muitas pessoas. Muitas vidas foram perdidas nesse momento. Eu tinha 21 anos e era soldado. Fui criado sob o regime da educação militar e acreditava piamente na vitória japonesa, mas percebíamos que aos poucos a situação piorava cada vez mais, faltavam cada vez mais recursos, inclusive alimentos.

Uma semana antes, no dia 1º de agosto, estava em Tóquio e retornei a Hiroshima. Percebi que todas as cidades pelas quais o trem que nos levava passava estavam destruídas. Mas como acreditávamos na possibilidade de vitória, continuávamos lutando. No dia 6 de agosto, estava me dirigindo à base central acompanhado por mais doze pessoas. Estava a 1,3 km do local do epicentro quando a bomba atômica explodiu. Vi um clarão enorme e fui atingido por uma rajada de vento e de calor que me arremessou a uma distância de dez metros.

Não sabia o que tinha acontecido e naquele momento tive a impressão de que um depósito de pólvora próximo ao local onde estávamos havia explodido. Acredito que sobrevivi porque não fui gravemente atingido pela onda de calor, embora tenha tido queimaduras. Tudo o que havia ao redor foi destruído e a impressão era que já estávamos no período da tarde, por volta das 17h. Todas as construções feitas de madeira começaram a se incendiar. Ouvi a voz de uma senhora idosa pedindo socorro, porque uma pessoa estava presa sob escombros. O fato de ter conseguido ajudar a salvar aquela pessoa trouxe uma grande força ao longo de minha vida.

Pouco tempo depois, daquele céu escuro começou a cair uma chuva negra. Era uma chuva muito escura e, na época, não sabia o terror que ela representava,

porque continha um alto grau de radioatividade. Ouvia as pessoas gritando que os Estados Unidos teriam jogado óleo do céu para queimar as pessoas e assim matá-las. Imaginem uma cena em que as pessoas estão todas queimadas, a pele se desprendendo do corpo das vítimas, pendendo sobre os dedos das mãos, parecendo fantasmas com os dois braços estendidos, uma cidade com dezenas de milhares de pessoas dessa forma. Jovens que interromperam os estudos e receberam treinamento para exercer atividades relacionadas à guerra estavam queimados, pedindo socorro, chamando pela mãe, pedindo água. Muitos chegaram a abrir a boca para tomar a chuva negra que caiu após a explosão, e acabaram morrendo pouco depois. O número de mortos pelo ataque atômico chegou a 140.000 pessoas. Dirigi-me à base central, localizada em um morro, e de lá avistei a cidade de Hiroshima totalmente queimada.

Nesse mesmo dia, por volta das 10h, tive de retornar à cidade. Eu, que conhecia bem Hiroshima, cheguei ao epicentro da explosão por volta das 12h. Consegui ver em detalhes as condições em que se encontrava a cidade. No dia 5 de agosto, já havia me dirigido à região do epicentro porque ali havia outra base militar. Naquele dia, vi seis soldados norte-americanos que lá se encontravam como prisioneiros. Apenas um deles sobreviveu à bomba atômica. Senti o terror da guerra porque aqueles soldados foram mortos por sua própria bomba.¹

Há uma cidade chamada Kure, próximo à Hiroshima. De lá vieram seis soldados para procurar saber o que havia acontecido. Fui encarregado de dizer a eles o que se passou, e me juntei a eles. Esses soldados concluíram que o que estava ocorrendo em Hiroshima não era algo corriqueiro. Pela primeira vez se supôs que poderia se tratar de uma bomba atômica, e foi a primeira vez que ouvi falar sobre essa arma. Nessa oportunidade também foi dito que o Japão também possuía uma bomba atômica e que faria uso dela. Depois de 67 anos, ainda me lembro muito claramente desse momento.

Os soldados vindos de Kure me ofereceram bolinhos de arroz que haviam trazido, mas recusei porque não tinha nenhum apetite. Acredito que o fato de estar vivo até hoje se deve ao fato de que, durante dois dias após o bombardeio, não bebi água nem comi nenhum alimento que estivesse contaminado em Hiroshima. Isso também porque, em um momento de

muita falta de alimentos no país, os soldados tinham fatura de comida. Essa também é uma contradição da guerra.

Existe uma ponte chamada Aioi, próximo de onde se encontra o Domo, edifício que estava pegando fogo naquele momento. Nas redondezas, encontrei um soldado coreano ferido ao qual prestei socorro. Soube pouco depois que esse soldado acabou falecendo e seu corpo foi enviado para a Coreia.

Por volta das 18h, retornei à minha base. Estava escuro e havia muitos restos de incêndios. O cheiro era típico de objetos queimados. Foi um dia muito longo. Permaneci por mais três dias trabalhando, mas minhas queimaduras começaram a piorar muito. Então, no dia 9 de agosto, fui levado a um hospital na província de Yamaguchi. No dia 15 de agosto, veio a rendição do Japão.

Dizia-se na época que todos os *hibakushas* teriam cerca de 2 anos de sobrevivência apenas, e que durante 70 anos não seria possível nem plantar nem viver em Hiroshima. Mas, em setembro de 1945, Hiroshima e Nagasaki também foram atingidas por um grande tufão, devastando ainda mais o pouco que havia restado das cidades. Passei a achar então que Deus não existia. Mas acredito que o fato de ter havido esse tufão contribuiu para reduzir o grau de contaminação por radiação das cidades. E assim, no outono daquele ano, já se podia ver em Hiroshima novas plantas nascendo. Isso fez com que todos acreditassem que era possível viver ali. Em fevereiro do ano seguinte, constituí residência na cidade de Hiroshima.

Estabeleci uma pequena loja em que consertava relógios. A cidade ainda estava muito destruída, o que gerava grandes dificuldades, mas havia a esperança de uma vida sem guerra. Na época fazia sucesso uma música chamada *Ringo no Uta*. Com a música, comecei a lembrar que era jovem, e pouco depois me apaixonei por uma moça que morava nas redondezas da loja. O nome dela era Ayako, tinha 21 anos e era funcionária da administração da província. Ela também tinha sido atingida pela bomba, a uma distância de 1,2 km do epicentro, mas foi salva milagrosamente.

No dia 15 de setembro de 1946, com a permissão de nossos pais, nós nos casamos. Em julho de 1947, conseguimos ter uma filha saudável e, em 1949, um filho, embora tenha sido dito que os sobreviventes só conseguiriam viver por mais 2 anos após o bombardeio atômico. Depois de 11 anos, toda a família

acabou vindo ao Brasil, saindo pelo porto de Kobe, em uma viagem de quarenta e dois dias, sem nenhum apoio do governo, sem nenhum apoio por sermos *hibakushas*. Mas viemos em busca de algo novo.

Estou com 88 anos. Viver em um país estrangeiro foi algo bastante complicado e difícil, mas as crianças cresceram bem, casaram-se, e agora também tenho netos. Havia muita discriminação em relação aos *hibakushas*, aos que sofreram essa contaminação. Mas tomei bastante cuidado em relação a isso, e agora isso é só uma lembrança do passado.

Em 1984, fundamos a Associação de Hibakushas, e temos comunicado as atividades dessa Associação ao governo japonês há 28 anos. Minha esposa, que era Secretária-geral da Associação, faleceu há 3 anos em consequência também das complicações de ser *hibakusha*.

Para que o que ocorreu em Hiroshima e Nagasaki não se repita, a Associação Hibakusha Brasil pela Paz vem falando aos alunos brasileiros, às crianças e jovens, de modo a manter viva a luta pela paz, coletando inclusive abaixo-assinados nesse sentido.

Estou preocupado agora com o acidente nuclear ocorrido no Japão. Sei o que é o horror da contaminação. Esse é um perigo invisível, e esse tipo de acidente faz aumentar o número de *hibakushas*. Poder entender as pessoas e o passado, poder transmitir as coisas do passado: enquanto estiver vivo, pretendo transmitir essas mensagens sobre o que aconteceu no passado para que esse tipo de coisa não se repita.

NOTAS

1. Um desses soldados foi retratado pelo sr. Moritomi em um desenho, o qual se encontra nas duas últimas páginas desta obra. N. do E.

TESTEMUNHO DE KUNIHICO BONKOHARA

Eu fui vítima da bomba atômica quando tinha 5 anos de idade em Hiroshima. Tenho uma lembrança horrível que nunca esqueci. Fiquei sabendo depois dos desastres que aconteceram com as usinas nucleares de Three Mile Island, nos Estados Unidos, e em Chernobyl, na União Soviética. As pessoas que moravam perto dessas usinas sofreram bastante. Muitas crianças desenvolveram câncer de tireoide. Tudo isso me faz pensar que não devem ser construídas usinas nucleares.

Gostaria de falar sobre minha experiência como vítima da bomba atômica. Em 6 de agosto de 1945 eu morava em Hiroshima. Eu estava no escritório de meus pais quando, de repente, um clarão bem forte, brilhante, encheu a sala. Rapidamente, meu pai me empurrou para baixo da mesa e ficou sobre mim para me proteger. Nesse momento, ouvi um estrondo muito forte, de alguma coisa muito grande explodindo. Um vento muito forte derrubou a parede, levando também as janelas e as portas.

Quando o brilho, o barulho e o vento acalmaram, meu pai saiu debaixo da mesa e me puxou para fora. As costas de meu pai estavam ensanguentadas, meus braços e pernas tinham vidros fincados e estavam sangrando. Meu pai imediatamente correu comigo para o rio que corria atrás do escritório. Ele tirou os vidros fincados pelo meu corpo e fez curativos de emergência. Depois, meu pai retornou à casa em que morávamos, mas ela estava no chão. O telhado da residência ao lado tinha voado sobre a nossa casa e sobre o imóvel vizinho. Não houve incêndio porque em frente havia um grande depósito de uma fábrica de conservas, construído de tijolos, que protegeu nossa casa. Mas, pouco depois, vieram os incêndios e tudo foi queimado.

A minha casa ficava 2 km afastada do local onde a bomba caiu, mas aquele

clarão incendiou tudo em volta. No centro da cidade, vi uma coluna de fumaça preta subindo para o céu com muita velocidade. Algumas horas depois, o céu escureceu e começaram as chuvas. As gotas de chuva eram enormes e pretas. Logo depois, várias pessoas vieram andando na rua em frente à minha casa. Estavam com as roupas todas queimadas e os corpos também. Homens, mulheres andavam com os braços dobrados e caídos para a frente, e a pele dos dedos estava pendurada. Os cabelos estavam queimados e levantados e o rosto vermelho, escuro, preto. Vinham andando pedindo socorro, algumas pessoas pediam água. Minha mãe e minha irmã, que estavam no centro de Hiroshima, não voltaram para casa. Tudo isso aconteceu no dia 6 de agosto e ficou bem gravado em minha memória.

Nessa noite dormi no quarto destruído, sem telhado. No dia seguinte, dia 7 de agosto, eu e meu pai fomos de bicicleta para o centro de Hiroshima para procurar minha mãe e minha irmã. No caminho havia muitos corpos e também cavalos mortos. Dentro de um bonde havia corpos carbonizados e amontoados. A rua estava cheia de entulhos e meu pai só podia andar empurrando a bicicleta. Eu seguia atrás dele. Muitas pessoas pediam ajuda, muitas pessoas morreram carbonizadas. Ainda havia fumaça em vários pontos da cidade. Fiquei muito assustado quando passei pela ponte Aioi, perto de onde a bomba caiu. Eu vi muitos corpos boiando no rio, sendo levados pela correnteza. Nas margens do rio, muitos corpos estavam amontoados. Muitas pessoas com queimaduras procuravam água, bebiam-na e morriam sobre os corpos de outras pessoas. Meu pai procurava minha mãe e minha irmã, mas a maioria dos corpos tinha o rosto queimado e ele não conseguiu encontrá-las. No meio dos mortos ainda havia pessoas respirando.

Nos dias 6 e 7 de agosto eu estava em Hiroshima. No dia 8 de agosto, meu pai me levou para um templo budista que ficava no interior. Lá permaneci por algum tempo. Quando estava saindo do centro de Hiroshima, vi fumaça em vários lugares. Estavam jogando gasolina nos corpos amontoados e colocando fogo. Meu pai voltou sozinho para o centro de Hiroshima e continuou procurando minha mãe e minha irmã. Ele ajudou na remoção dos corpos, mas não conseguiu encontrá-las.

A bomba atômica não explodiu no solo, explodiu a 600 metros acima do

solo. Dizem que, no momento da explosão, a temperatura foi de 4000°. Foi a causa dos incêndios que destruíram tudo de uma só vez em até 3 km de distância. No dia 6 de agosto em Hiroshima, e depois no dia 9 de agosto em Nagasaki, foram lançados dois tipos de bombas atômicas. Em dezembro de 1945, foram contabilizados 140.000 mortos em Hiroshima e 74.000 em Nagasaki, totalizando 219.000 mortos. Naquela época, em Nagasaki, moravam 12.000 cristãos, mas 8.500 morreram.

Eu tinha só 5 anos de idade, mas os dois dias em que estava em Hiroshima, vi com os meus olhos, ouvi com meus ouvidos, e senti com o meu corpo tudo o que aconteceu. Não esqueci nunca.

Acho que os Estados Unidos lançaram as bombas atômicas para terminar com a guerra, mas acho que foi principalmente para experimentar a potência dessas bombas e também para saber que danos elas causariam às pessoas. Por isso resolveram lançá-las em Hiroshima e Nagasaki, cidades onde moravam pessoas que não tinham nenhuma relação com a guerra.

Quando a guerra terminou, os americanos entraram em Hiroshima e Nagasaki e construíram um centro para pesquisar os efeitos da radioatividade. Chamava-se ABCC¹. Ficaram estudando as vítimas das bombas, mas nunca ofereceram tratamento para essas pessoas. Todo o material pesquisado foi levado para os Estados Unidos e não foi usado para ajudar as vítimas. Os americanos proibiram a entrada de jornalistas do mundo inteiro em Hiroshima e Nagasaki até o final de 1945. Também foi proibido que se tirassem fotos para os jornais. Somente os americanos tinham acesso a essas cidades. Por essa razão, os outros países do mundo não puderam conhecer as consequências da bomba atômica, e nem a grande tragédia e as muitas tristezas que aconteceram.

Já se passaram 67 anos, mas pessoas que foram atingidas pela radioatividade continuam morrendo por esta causa. No ano passado², entre as vítimas de Hiroshima e Nagasaki que moravam no Brasil, 7 pessoas morreram, 5 delas vítimas de câncer, 2 delas vítimas de leucemia. Dia 11 de março de 2011, por causa de um terremoto seguido de um *tsunami* no Japão, quatro usinas nucleares situadas em Fukushima foram destruídas. Muitas pessoas foram atingidas pela radioatividade. Atualmente, existem 54 usinas nucleares que, por força da exigência do povo japonês, foram paralisadas entre os dias 05 de maio de 2012

até o dia 02 de julho de 2012. Lembro que o problema não é só do Japão, pois a radiatividade pode atingir o mundo. O cézio 134 e o cézio 137 já passou ao Oceano Atlântico, já chegou aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos explodiram a bomba atômica. Agora o mundo possui 22.000 bombas atômicas. Esse arsenal tem que diminuir. Se uma guerra começar com a explosão de uma bomba atômica, outro país pode contra-atacar com uma bomba atômica e o mundo inteiro pode ser atingido pela radioatividade. Por isso, é preciso diminuir os arsenais nucleares, assim como o uso da energia nuclear.

NOTAS

1. Atomic Bomb Casualty Commission. N. do E.
2. A testemunha se refere ao ano de 2011. N. do E.

TESTEMUNHO DE JUNKO WATANABE

Quando a bomba atômica foi lançada eu tinha 2 anos, por isso não tenho memórias do que aconteceu naquele dia. Mas quando tinha 25 anos vim ao Brasil, casei-me e, depois de 13 anos, aos 38 anos de idade, voltei ao Japão. Nesse dia meus pais falaram que eu era vítima da bomba atômica. Eu não sabia que era uma vítima da bomba atômica. Nesse dia, meus pais falaram o que havia acontecido. A bomba caiu a 18 km de onde morávamos. Naquele dia 06 de agosto de 1945, o céu era azul e o tempo muito bom. Minha mãe, meu irmão mais novo, eu e meu irmão mais velho estávamos brincando perto de casa, em um templo em frente. Brincávamos também com alguns amiguinhos. Nesse horário, de repente, minha mãe se assustou porque um vento muito forte trouxe papéis queimados que caíam do céu. Também nesse horário a chuva negra caiu, e por isso eu fui atingida por ela. Depois, o que aconteceu com minha saúde? Depois de ter sido atingida por essa chuva preta, tive uma diarreia muito forte. A comida não parava em meu corpo, todos os dias isso acontecia. Minha mãe e meu pai achavam que eu morreria, mas graças a Deus estou viva até hoje.

Quando eu soube, não senti muito porque eu não sabia sobre a bomba atômica ou sobre a radiação. Não sabia de nada sobre essas coisas. Fiquei no Japão por um mês e voltei ao Brasil. Estava criando meus filhos e, aos 60 anos, o sr. Takashi Morita me convidou para ajudar na Associação.

Esse dia mudou completamente a minha vida. Eu não sabia de nada. Perto do dia 06 de agosto, no Brasil também, muitas revistas, jornalistas, televisão e também na Associação, perguntam o que testemunhei, mas infelizmente eu não sei de nada. Faz 9 anos que estou ajudando essa Associação. O sr. Takashi Morita e os outros membros estão ficando com mais idade e não podem ajudar

uns aos outros. Então, como sou mais nova, posso ajudar e faço a limpeza do escritório. Um dia, quando estava limpando, eu achei uma coisa. Em 1984 a Associação foi fundada. Em 1987, associados do Brasil, Argentina, Peru, Paraguai, quase 200 pessoas vítimas da bomba atômica, escreveram seus depoimentos. Eu estou lendo esses depoimentos, página por página, e eu sei o que aconteceu naquele dia. A princípio fiquei chocada com esses relatos. É muito horrível. Depois, mais um achado. Um filme americano gravado 1 mês depois do lançamento da bomba atômica por um jornalista que gravou tudo. Os americanos levaram a gravação e depois de 30 anos devolveram-na ao Japão. Uma cópia desse filme estava no escritório da Associação. Um brasileiro fez uma cópia em DVD e quase 10 pessoas vítimas da bomba atômica assistiram ao filme na Cinemateca. Quando começou... muito, muito horrível. Eu estava chorando... muito horror. Por isso que... eu não sabia o que aconteceu, eu não sabia de nada. Mas eu vi naquele documentário, muitas pessoas carbonizadas na hora, aquele céu azul, muito bonito. A cidade queimou na hora. Parece que eu, dentro daquele lugar, estava no meio daquilo. Eu senti muito, entrou muito no meu coração, em minha cabeça. Agora que estou falando, essa imagem bem forte me vem à cabeça: um pequenino, não sei se menino ou menina, todo queimado, aquela escuridão... ele está chamando, mas sua voz não está saindo... parece "mamãe, mamãe, mamãe". Eu senti muito por essa pessoa... Mas a bomba atômica, todo o mundo, assim que aconteceu... Mas eu não sabia de nada até agora.

Eu me senti muito chocada. Essas coisas que trabalhei agora entraram muito aqui. Eu não sei, não lembro de nada, mas essa que é a verdade. Como vítima da bomba atômica, meia-idade, 78 anos, não é pela própria boca que falo. Mas eu, pelo menos, como vítima da bomba atômica, tenho que saber o que se sentiu... Eu não tenho lembranças, mas esse sentimento tem que chegar à nova geração, senão todos esquecem. Temos que lembrar, temos que transmitir. Quando, em 2008, eu, o sr. Morita e o sr. Bonkhara fomos à volta ao mundo com o Navio da Paz (*Peace Boat*), durante 4 meses percorremos 20 países. Encontrei vítimas do agente laranja no Vietnã. Aquela pessoa que encontrei diante de nós... segunda, terceira, quarta, quinta geração... estão com os corpos muito deformados, estão sofrendo muito. Nós também,

parecemos não ter nada, mas dentro do corpo... sempre temos medo, sempre existe a doença de câncer.

Hiroshima e Nagasaki foram bombardeadas 67 anos atrás, mas ainda hoje no mundo há muitas vítimas da radiação em muitos lugares. Isso não é bom. Aqui no Brasil também, o cézio 137, aconteceu em 1987... Essas coisas são muito perigosas. A radiação não se sente, não cheira, não dói, mas este mundo está cheio de radiação. Principalmente, o que aconteceu em Fukushima também. A usina nuclear está usando urânio. Isso está estragando essa terra, esse mundo, nosso corpo, nossa saúde, nossa geração, nosso futuro, nossos netos, estragando tudo. Então, temos que pensar. A luz é muito boa, fácil produzir, mas temos que pensar o que estamos usando. Um acidente pode ter muitas consequências. Em Fukushima ainda não se resolveu, a vida de muitas pessoas mudou, estão sofrendo.

Quando meu irmão estava brincando naquele templo... ele morreu três anos atrás com um câncer no fígado, estou muito triste. Há menos de um mês eu fui ao Japão e meu irmão mais novo também foi internado em um hospital. Ele foi atingido pela chuva negra. Então, estou muito preocupada.

Eu não sabia que era vítima da bomba atômica, e por que meu pai não me disse que eu era uma vítima? Meu pai me explicou que, se dissesse, eu nem poderia pensar em me casar porque havia discriminação. Quando se tratava de uma vítima da bomba atômica, toda a família era contra o casamento. Foi isso o que meu pai falou. Por muito tempo meu pai não falou para mim, mas falou. Agora eu sei o que é a radiação.

Eu sempre carrego a foto de Sadako Sasaki e o símbolo da paz. Ela também foi vítima da bomba atômica, também foi atingida pela chuva negra, tinha dois anos como eu, e até os 10 anos teve muita saúde. Mas, de repente, aos 10 anos, teve leucemia. Aos 12 anos, ela morreu. O irmão de Sadako ainda está vivo. Eu o encontrei em Fukuoka, no Japão, e ele me deu esta foto de Sadako que trago comigo. Quando foi internada no hospital, ela acreditou que curaria sua doença se fizesse dobraduras de *tsurus*. Por isso, todos os dias ela fazia as dobraduras, mas infelizmente, aos 12 anos ela morreu. Perto do dia de sua morte, Sadako disse muitas vezes ao seu irmão que queria viver. Se a bomba não tivesse sido lançada, Sadako estaria viva comigo, com a minha idade, mas

infelizmente ela morreu. Mas quando morreu, um amigo dela continuou dobrando esses *tsurus*. Eles estão agora espalhados pelo mundo inteiro como um símbolo de paz. Ela queria viver, então esse sentimento eu vou levar adiante com o meu trabalho.

DESENHOS

SHIGEO MORITOMI

